



A memória do cotidiano no trabalho Conquistense: o caso do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias

Milton Leandro Santos Leituga^{1*} e Felipe Eduardo Ferreira Marta^{1,2}

¹Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Estrada Bem Querer, Km 4, 45083-900, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. ²Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: leitugageo@gmail.com

RESUMO. O presente artigo tem como objetivo proceder à análise sobre a memória e o cotidiano do trabalho urbano da cidade de Vitória da Conquista (Bahia). Durante o século XX a cidade passou por um profundo processo de urbanização marcado fortemente pelo avanço das relações capitalistas no estado da Bahia. A cidade está localizada ao sul da Chapada Diamantina, mais precisamente, no Território de Identidade de Vitória da Conquista, sendo o município um polo regional captador de recursos e investimentos. Como tentativa de compreender as consequências sociais que essa lógica impõe ao cidadão, partiu-se de uma abordagem histórica apoiada em pesquisa bibliográfica para se compreender o conceito de cidade e as interseções com a literatura específica sobre o desenvolvimento da cidade de Vitória da Conquista. Para o desenvolvimento da pesquisa empírica, foi realizada uma investigação de campo, no Parque Ambiental Lagoa das Bateias, por meio de entrevistas com moradores e usuários. Em outra frente, buscou-se contato com o setor público e realizou-se pesquisas junto ao arquivo municipal. As entrevistas foram feitas sob a perspectiva da História Oral, segundo pressupostos de Portelli (1997), considerando-se a área estudada segundo a narrativa inicial de um morador antigo, sendo depois entrevistados outros moradores, em sistema de rede. Dessa maneira, estruturou-se um recorte histórico da década de 1940 à contemporaneidade. O presente texto retratará o período das primeiras ocupações até a construção do parque. Pela análise do cotidiano, a pesquisa revelou a face espoliativa do processo de urbanização promovido pelo capital; cujo cerne é a produção de novas contradições na sociedade e a forma como Vitória da Conquista, caracterizada como cidade de médio porte, teve o seu cotidiano condicionado às exigências mercadológicas.

Palavras-chave: memória; trabalho; cotidiano.

The memory of daily life in the Conquistense work: the case of Lagoa das Bateias Environmental Park

ABSTRACT. This article aims to analyze the memory and daily life of urban work in the city of Vitória da Conquista / BA. During the twentieth century the city went through a deep process of urbanization strongly marked by the advance of capitalist relations in Bahia State. The city is located in the south of Chapada Diamantina, more precisely, in the Vitória da Conquista Identity Territory, and the municipality is a regional fundraiser and investment center. In an attempt to understand the social consequences that this logic imposes on the city, a historical approach based on bibliographic research was started to understand the concept of city and the intersections with the specific literature on the development of the city of Vitória da Conquista. For the development of empirical research, a field investigation was carried out in the Lagoa das Bateias Environmental Park, through interviews with residents and users. On another front, contact was sought with the public sector and research was conducted with the municipal archive. The interviews were conducted from the perspective of Oral History, according to Portelli's (1997) assumptions, considering the area studied according to the initial narrative of an old resident, and then interviewed other residents in a network system. Thus, a historical cut from the 1940s to the contemporary era was structured. This text will portray the period from the first occupations until the construction of the park. Through daily analysis, the research revealed the spoliation face of the urbanization process promoted by capital; whose core is the production of new contradictions in society and the way Vitória da Conquista, characterized as a medium-sized city, had its daily life conditioned to market demands.

Keywords: memory; work; daily life.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo proceder a uma análise sobre a memória do cotidiano no trabalho, da cidade de Vitória da Conquista, estado da Bahia. Entende-se que é no local de desenvolvimento da vida dos habitantes, seja no lazer, trabalho, nas relações estabelecidas entre vizinhos e nos lugares de significância das atividades das mais variadas possíveis, que surge o urbano inerente à cidade.

Com uma população total de 306.374 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), no Censo Demográfico de 2010, Vitória da Conquista passa hoje por um intenso processo de mudanças em sua urbanização, e isso é percebido, de forma contundente, pelas alterações que vêm ocorrendo na cidade. Localizada no Território de Identidade de Vitória da Conquista, o município é um grande influenciador e captador de recursos e investimentos. Nesse sentido, a cidade têm exercido forte papel aglutinador perante as cidades vizinhas, configurando-se como um importante polo comercial (Figura 1)¹.

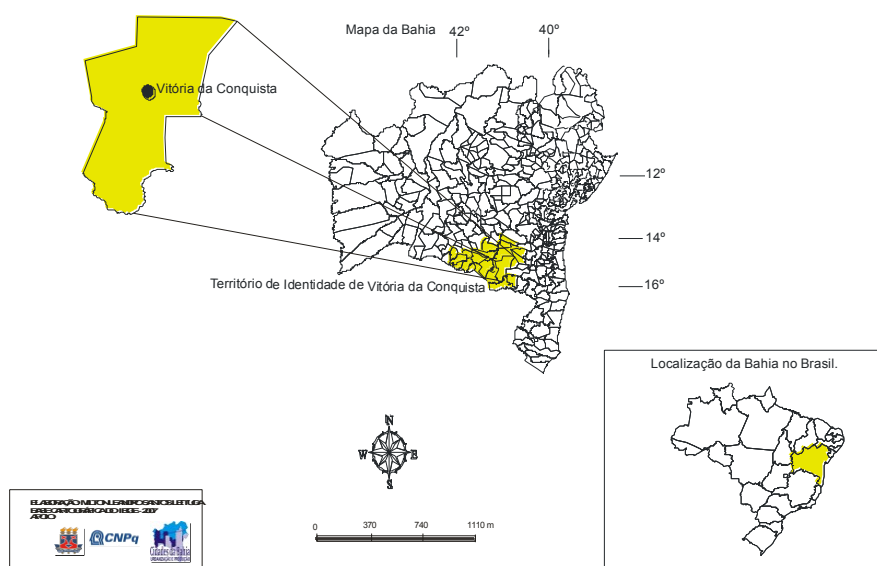


Figura 1. Localização do Município de vitória da Conquista na Bahia, 2012.

O dinamismo econômico da cidade atraiu, ao longo dos anos, um número significativo de pessoas oriundas das cidades vizinhas, gerando pressões que redundaram em uma ocupação desordenada do espaço urbano, a exemplo do que ocorreu na região da Lagoa das Bateias. A memória dos entrevistados neste estudo, dos mais antigos aos recentes, demonstra um processo abrupto de transformação, de acordo com o amadurecimento das relações capitalistas no espaço urbano Conquistense. As ocupações do entorno da Lagoa das Bateias, que inicialmente era composto por duas fazendas, apresentam na década de 1980 e 1990 a intensificação de um processo de urbanização, com o surgimento de novos bairros e posteriormente, a construção do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias. Estas transformações permitem indagar qual teria sido o papel do poder público municipal nesse processo e quais os interesses que prevaleceram, os da população ou os de grupos empresariais. Fato é que as transformações feitas com a construção do parque alteram de forma profunda não só o espaço geográfico; como também o lugar.

Desse modo, acredita-se que uma interpretação do trabalho no cotidiano do urbano passa pela identificação e compreensão das ligações entre este fenômeno, o lazer, e as relações capitalistas, nas quais, com a intensificação das formas globalizantes, que inserem no espaço urbano uma rotina voltada para uma sociedade consumista e classista, segregam e excluem quem historicamente esteve subjugado às relações de poder que se estabelecem no dia a dia.

A memória da urbanização e as transformações no cotidiano do trabalho: relatos das memórias de moradores do Parque Ambiental Lagoa das Bateias

A articulação teórica entre memória e narrativa, a partir dos depoimentos levantados em campo, é de suma importância para a construção do texto. Alberti (2004) traz o seguinte conceito da narrativa:

¹ Cidades em que Vitória da Conquista (Bahia) exerce papel regional: Anagé (Bahia), Aracatu (Bahia), Barra do Choça (Bahia), Belo Campo (Bahia), Bom Jesus da Serra (Bahia), Caetanópolis (Bahia), Candido Sales (Bahia), Caralbas (Bahia), Condeúba (Bahia), Cordeiros (Bahia), Encruzilhada (Bahia), Guajeru (Bahia), Jacaraci (Bahia), Licínio de Almeida (Bahia), Maetinga (Bahia), Mirante (Bahia), Mortugaba (Bahia), Piripá (Bahia), Planalto (Bahia), Poções (Bahia), Presidente Jânio Quadros (Bahia), Ribeirão do Largo (Bahia) e Tremedal (Bahia).

[...] acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitida a outrem sem que seja narrado. Isso significa que ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista. Ao contar suas experiências, o entrevistador transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido. Esse trabalho da linguagem em cristalizar imagens que remetem a, e que significam novamente, a experiência é comum a todas as narrativas – e sabemos que algumas vezes é mais bem-sucedido do que outras (assim como algumas entrevistas de história oral são certamente mais bem-sucedidas do que outras). Mas talvez não tenhamos dado ainda a devida atenção para esse trabalho da linguagem nas chamadas ‘fontes orais’ (Alberti, 2004, p. 77, grifo do autor).

Ao se fazer uma entrevista, com base nas histórias de vida dos habitantes, aparecem, em suas falas, alguns aspectos relevantes das narrativas de histórias de vizinhos, dos conflitos com o Estado e outros aspectos. Assim, ao se analisarem os dados empíricos, percebe-se um movimento histórico e social, que permeia, não só o imaginário, como também as transformações ocorridas espacialmente.

Nessa perspectiva, para Benjamin (2012), as narrativas estão estreitamente ligadas às histórias orais:

A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre esses últimos existem dois grupos que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrado só se torna plenamente tangível se tivermos presente ambos esses grupos. ‘Quem viaja tem muito que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrado como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições (Benjamin, 2012, p. 214).

A riqueza da oralidade na construção da narrativa demonstra o quanto, na construção do cotidiano, há diversidade de informações e estórias abordadas pelos diversos sujeitos, que compõem a realidade estudada, oferecendo-nos substrato para compreensão e para uma análise apurada das transformações e imposições na produção do espaço estudado.

Ao sequenciar, nessa perspectiva, a aproximação entre a memória e oralidade, na construção da narrativa, o processo se dá da seguinte forma, segundo Portelli (1997, p. 6):

O processo de transformação, o trabalho da consciência, manifesta-se na entrevista pelo fatigante trabalho da palavra. As interrupções, digressões, repetições, correções que caracterizam a narração de Máuri são procedimentos constitutivos da oralidade, graças aos quais o discurso oral se apresenta mais como um processo do que como um texto acabado. Estes procedimentos da oralidade põem em evidência o trabalho da palavra, da memória, da consciência.

As relações entre narrativa e memória, nos meandros da História Oral, se dão pelo fato de que, ao se recorrer às lembranças que norteiam a vida do entrevistado, há a construção de uma história que envolve as relações humanas no espaço. Contudo, vale ressaltar que essas memórias que aparecem nas entrevistas são selecionadas e sistematizadas, a partir dos objetivos da pesquisa.

Nesse sentido, tendo como premissa o fato de que ao trabalharmos com as entrevistas estamos em última análise lidando com fragmentos da memória de nossos colaboradores, faz-se necessário destacar que o conceito de memória que mais se aproxima desta pesquisa é o de ‘memória coletiva’, segundo Halbwachs (1990). Na perspectiva desse autor, a memória coletiva está intrinsecamente ligada à memória individual, ou seja, uma não está dissociada da outra:

[sic] Não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo, porque o acontecimento que elas reproduzem foi percebido por nós num momento em que estávamos sozinhos (não em aparência, mas realmente sós), cuja imagem não esteja no pensamento de nenhum conjunto de indivíduos, algo que recordamos (espontaneamente, por nós) nos situando a um ponto de vista que somente pode ser nosso? Ainda que fatos desse tipo sejam muitos raros, até mesmos excepcionais, fato que a memória coletiva não explica todas as nossas lembranças e talvez não explique por si a evocação a evocação de qualquer lembrança (Halbwachs, 1990, p. 42).

Dessa forma, ao se pensar na construção de um passado, baseado nas lembranças dos moradores mais antigos, percebe-se como a construção e a estruturação espacial, na referida área, são compostas por uma complexidade de discursos que, ora divergem e ora convergem, e, no final, compõem a totalidade da construção espacial.

Também tendo o lugar como categoria de análise da memória, Nora (1993, p. 12) aponta:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O

que secreta, veste estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões da eternidade.

Dessa maneira, o lugar deixa suas marcas de um passado que já não existe mais, como testemunha do momento histórico, cuja interpretação e análise de processos ligados à época são de suma importância para seu entendimento. Sendo assim, como o lugar é a ponte que liga os processos da memória e cotidiano do trabalho, na presente pesquisa, é de extrema necessidade compreendê-la ligada a essa categoria.

Para o entendimento da urbanização, suas causas e consequências, e a diversidade encontrada na produção do espaço urbano, deve-se estabelecer um processo de análise pautado pela longa duração, conforme proposto por Sposito (2004). Dessa maneira, torna-se fundamental compreender a urbanização com um fenômeno intrinsecamente ligado ao capitalismo e a consequente produção de uma sociedade marcada pelo signo do moderno.

Com efeito, a urbanização vai ter um suporte do Estado para sua efetivação, pois “O Estado entrou em cena para criar e manter condições gerais e sociais de reprodução das empresas e, com isso, socializar os custos de reprodução do capital” (Seabra, 2000. p. 74). Dessa forma, é percebido como as superestruturas se articulam, não só para efetivar o poder e o controle, como também para reafirmá-los. Nesse sentido, os impactos visíveis dão a tônica de como a instauração de uma dita sociedade contemporânea e tecnológica, em que a acessibilidade está ligada ao poder aquisitivo, limita o acesso da massa trabalhadora ao direito a uma vida digna, sobretudo nas cidades, mesmo sabendo que essa massa é o cerne da produção do espaço.

Como a cidade é definida, segundo Carlos (2007a), como obra humana, o seu entendimento está ligado à evolução das relações de trabalho e à transformação da natureza pelo homem, e a um determinado tempo histórico. Assim, a cidade, na presente pesquisa, será entendida e estudada na sua conformação capitalista.

Os estudos apontam para uma série de características para a definição de uma cidade média. Essa variedade de caracteres forma um grande coletivo de fatores, que contribuem para definição da cidade média, porque, segundo o IBGE, as cidades médias no Brasil, no que se refere à quantidade populacional, estão entre 100.000 e 500.000 habitantes; já, para a ONU – Organização das Nações Unidas, o parâmetro fica entre 100 mil e um milhão (Soares, 2005).

Segundo Soares (2005), outro fator que contribui para o entendimento dessas cidades é seu papel regional sobre as demais, porque, com sua expansão, as pequenas cidades em seu entorno ficam dependentes, tanto de consumo como dos serviços que as cidades médias começam a concentrar.

No presente estudo, buscou-se saber como foi a chegada dos primeiros habitantes da Lagoa das Bateias e quais foram os problemas por eles encontrados. No âmbito das relações cotidianas, por exemplo, apareceram nas entrevistas relatos de enchentes, de trabalhos coletivos e de atividades festivas que envolviam os moradores. Houve relatos também das primeiras ações do Estado na região. Desse modo, no primeiro momento, as discussões estão pautadas nas transformações dos conteúdos sociais no Parque Ambiental da Lagoa das Bateias.

Na década de 1950, as atividades desenvolvidas no local eram agrárias. Com destaque para o plantio de hortaliças e a criação de animais, tanto para a subsistência quanto para a venda no comércio local. Essas atividades possuíam um alcance bastante limitado, do ponto de vista da produção de riqueza, e ainda tinham, como desafio, competir com a produção das fazendas e a concentração de terras presentes na região. A seguinte fala retrata este período:

Foi na década de 1940. Então, nessa luta a gente foi e não deu certo lá, os meninos começou a adoecer lá na mata, aí pai pegou voltou e comprou aqui essa Bateia. Aí comprou aqui e a gente veio para aqui, e foi a mesma ‘luta’, de roça e de plantar, alface, coentro, cenoura e aí agora eu não ia para a fera eu ficava cuidando das roças né, as minhas irmãs essa Nicinha que ia para a feira vender².

As relações de trabalho estão vivas na memória dos moradores e presentes em suas falas. Acredita-se que, no passado, o trabalho era baseado nas relações familiares e fazia parte da educação das crianças e jovens, envolvendo familiares e vizinhos à época das festas e colheitas. E, em contrapartida, com o desenvolvimento das relações capitalistas, as relações de trabalho começaram a se transformar, através do assalariamento, algo que dado os baixos ganhos, tornava ainda mais precária a vida dos moradores do

² Entrevista concedida ao autor por Dona Luzia, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista (Bahia).

entorno da Lagoa das Bateias. Com as mudanças e com o avanço da urbanização da cidade de Vitória da Conquista, tem-se uma modificação abrupta no espaço urbano.

Nas décadas de 1940 a 1970, na área estudada, pode-se perceber a estreita relação entre o desenvolvimento do trabalho agrícola e algumas formas de precarização do trabalho. Nessa mesma perspectiva, outro fator é o contraste entre as relações desenvolvidas no local e as imposições do modo de produção capitalista.

As memórias evocadas nas entrevistas permitiram destacar o modo como o trabalho foi se desenvolvendo, coadunando-se com as implicações e as imposições capitalistas, no crescimento urbano de Vitória da Conquista (Bahia). Ao se analisarem as falas dos sujeitos que compõem essa realidade foi possível observar que o trabalho caminha, no passado, em uma óptica familiar, dentre outras características que aparecem nas entrevistas. Por outro lado, com o passar do tempo, em alguns casos, essa dimensão do trabalho se reduz, ocorrendo o processo de assalariamento e precarização.

Os fatos foram narrados com extrema emoção, permitindo compreender que o trabalho deixa suas marcas no processo de formação do ser, se compreendido na sua ontologia. A perspectiva teórica, no que se refere ao trabalho, tem sua base em Lessa (2002), que o estuda no plano ontológico, ligado à totalidade em que o homem, através do trabalho, transforma a natureza em bens necessários ao desenvolvimento social. O que é diferente do trabalho alienado ou especificamente capitalista assalariado.

Outro aspecto relevante desse processo de dominação do capital sobre o trabalho diz respeito à precarização, que se dá em duas dimensões, objetiva e subjetiva, como afirma Alves (2009, p. 189):

A base objetiva da precarização do trabalho se caracteriza pela intensificação (e a ampliação) da exploração (e a espoliação) da força de trabalho, pelos desmontes de coletivos de trabalho e resistência sindical-corporativa; e pela fragmentação social nas cidades em virtude do crescimento exacerbado do desemprego em massa.

Já a base subjetiva se apresenta na experiência vivida, segundo o autor: “Por isso, salientamos a importância de aprendermos a precarização do trabalho enquanto ‘experiência vivida’ e ‘experiência percebida’ de individualidades pessoais da classe do proletariado” (Alves, 2009, p. 189, grifo do autor).

A compreensão dessa problemática vivenciada pelo trabalhador nas cidades intensifica-se com o processo de reestruturação do sistema produtivo nas décadas de 1980 e 1990. Com a implementação do neoliberalismo no Brasil (Alves, 2009), a classe operária sofre espoliação, quer em seus direitos e acesso à dignidade, como também no sentir, ao perceber a diminuição e acesso aos direitos básicos para a sobrevivência. Isso é percebido em algumas entrevistas que serão relatadas mais adiante.

Para Antunes (2014, p. 1), a precarização coaduna-se com a mesma lógica anterior. O autor elenca alguns elementos desse fenômeno:

Dentro desta contextualidade, pode-se constatar uma nítida ampliação de modalidades mais desregulamentadas, distantes da legislação trabalhista, gerando uma massa de trabalhadores que passa da condição de assalariados com a carteira para trabalhadores sem carteira assinada. Se nos anos 1980 era relativamente pequeno o número de empresas de terceirização, locadoras de forças de trabalho de perfil temporário, nas décadas seguintes esse número aumentou significativamente, para atender a grande demanda por trabalhadores temporários, sem vínculo empregatício, sem registro formalizado.

A análise da reestruturação produtiva imposta pelo capital ecoa na realidade narrada pelos moradores. Entre as décadas de 1980 e 1990, é percebida a informalidade do trabalho, dentre outros aspectos que aparecem nas falas dos habitantes do local.

Pensar na perspectiva do trabalho capitalista, suas implicações na vida dos diversos sujeitos, submetidos à lógica excludente das cidades brasileiras, é ver como a população de baixa renda está submetida à precarização. Ao se analisar uma criança, que, para ajudar no sustento da família, comercializa ‘picolé’ e amendoim no centro da cidade, perambulando pelas ruas, já se percebe que sua infância está relacionada ao trabalho e a preocupações que não deveriam ser as suas. Continuando nesse relato, quando ele avança para sua adolescência, também continua sendo explorado, só que por uma empresa da cidade:

Fui trabalhar de vigia, criança, menino, ó para você ver, uma pessoa com quinze anos enfrentar uma barra para trabalhar de vigia. Eu vou falar para você, tinha que ter coragem, eu trabalhei de vigia, no meio da rua! Lá no Caminho do Parque. Trabalhei no Caminho do Parque, um ano e meio de vigia. Aí, eu tive que lutar muito, desde quando eu comecei a trabalhar de vigia, eu consegui, na mesma empresa, para trabalhar de dia, eles me transferiram para trabalhar de dia. De vigia, eu passei a trabalhar de zelador, passei a trabalhar de zelador. Aí fique alegre por ter conseguido né? Enfrentei uma barra como criança né? Porque com quinze anos a pessoa ainda é uma

criança, praticamente uma adolescente em termo de tudo. Aí, desse aí, eu consegui arrumar um emprego nessa própria firma de dia, aí foi quando eu consegui arrumar minhas coisas. Foi daí, que eu comecei a trabalhar de dia, então agora aí 'minhas coisa' vão mudar, porque já é um trabalho diferente. Você trabalhar de dia em termos assim, igual como eu era novo, também eu já me senti alegre³.

Nesse depoimento, a trajetória de vida do morador traz lembranças da sua infância e também perpassa a sua adolescência. A dificuldade e a exploração de sua força de trabalho não excluiu a felicidade de se encaixar em um serviço que não o sobrecarregasse, como é o caso de sua transferência para trabalhar durante o dia. Entretanto, é interessante ressaltar que esse condomínio que contratou seus serviços é composto por parte da elite de Vitória da Conquista, e ele foi contratado, mesmo sendo menor de idade. Eles não poderiam assinar a sua carteira de trabalho, dessa forma trabalhou sem garantia dos direitos trabalhistas. Dessa maneira, fica configurado mais um exemplo em que a classe dominante está no comando da espoliação do trabalhador.

Portanto, na perspectiva ontológica, demonstra-se que, no princípio da ocupação da área, o trabalho se pautava pela prática agrícola e, com o crescimento da urbanização se modificou, passando pelo assalariamento até a precarização, conforme a análise feita na pesquisa da década de 1940 até 1990, de acordo com o recorte histórico desse momento específico.

Ao se entender o processo de expansão da malha urbana da cidade de Vitória da Conquista (Bahia) e sua complexidade, tanto no que se refere aos incentivos do Estado em suas diversas esferas, como no incremento socioespacial (Santos, 1988), na vivência cotidiana, compreendeu-se como os sujeitos, que ocupavam a região da Lagoa das Bateias deixaram suas marcas na história do lugar ao reproduzirem no espaço as relações de trabalho marcadas pela exploração característica do sistema capitalista.

Nos dados referentes as transformações ocorridas na cidade, percebe-se que, no processo de urbanização de Vitória da Conquista (Bahia), observando-se o período entre as décadas de 1970 e 2010, há um ponto específico de mudança localizado na década de 1990, quanto a Taxa de Urbanização atingiu o patamar de 89% da população. Este dado demonstra como a urbanização da cidade foi intensificada naquele momento histórico, que não por acaso, estabelece um paralelo com o desenvolvimento do capitalismo nacional, com reflexos nas cidades brasileiras (Tabela 1).

Tabela 1. Taxa de urbanização, por década – Vitória da Conquista – Bahia – 1940 – 2010.

Anos	%
1940	16,0
1950	24,4
1960	37,2
1970	66,9
1980	74,7
1991	83,7
2000	85,9
2010	89,0

Fonte: IBGE (1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1992, 2010).

Reforçando esta argumentação, estudos e levantamento de dados indicam que, no final da década de 1960 e início da década de 1970, tem início a primeira transformação do lócus desta pesquisa, a região conhecida como Lagoa das Bateias. Em entrevista realizada com uma moradora do local obteve-se o seguinte relato:

[...] na década de 1968 e 1970 que cresceu a lagoa, porque só existia uma nascentezinha do Rio Santa Rita. Na segunda vez que Pedral foi prefeito de Vitória da Conquista, que teve a obra no local. Aqui só tinha dois carreirinho para passagem um do lado alto e outro do lado baixo, que colocamos o apelido de cidade alta e cidade baixa, tinha a parte da ladeira que era alto. Só existiam três casas e a do povo de Venceslau que concentrava em umas cinco a seis casas. Tinha cisterna que tirávamos água de sari. Quando Pedral fez essa obra à lagoa encheu e pai fez um desvio da água tinha até o canal que pai abriu, braçal para a água descer e quando enchia de mais a gente tinha que mudar, quando morávamos na casa mais embaixo perto da lagoa, que tinha 23 m de comprimento com 10 de largura e a casa fica metade dentro da água e outra metade fora da água. Quando começou encher de mais mudamos para aqui. Aqui também foi bom, meu pai trabalhava com horta, trabalhava de pedreiro e foi melhorando a vida aqui também, nós foi estudando e formando para a gente conseguir nem que for a profissão de professor

³ Entrevista concedida ao autor por Marcos Roberto Silva de Sousa, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista (Bahia).

para nós viver. Isso aqui era uma fazenda e o dono era Pedro Moraes, tem o Aloísio que era dono dessa parte aqui toda que hoje é o CSU⁴.

Dessa forma, o depoimento da moradora demonstra que, no passado, o modo de vida na localidade estudada era rural. Somente com as primeiras iniciativas por parte do setor público iniciam-se, de forma paulatina, as mudanças. A partir daí, o espaço passa a ter conformação de bairro.

Já na década de 1980, são relatadas modificações, com a intensificação da urbanização na cidade. Um processo desordenado que, como resultado, acaba por aprofundar as desigualdades sociais, conforme relata a entrevistada:

Foi quando eu tive meu primeiro filho, teve essa invasão aqui do Santa Cruz começou no dia 1º de Abril de 1987. Quando eu fui ter meu primeiro filho eu vim pra que para casa de minha mãe mais meu pai, aí teve a invasão, um grupo de pessoas e começou a invadir. Já tinha começado a urbis 2 e 3, só ficou esse pedaço que é o Santa Cruz⁵.

O momento histórico relatado pela moradora elucida como a ocupação do bairro começa de forma desenfreada, com o processo de 'invasão', como a mesma chama, reforçando a ideia de falta de planejamento na ocupação do entorno da lagoa.

Já a construção do parque ambiental representou uma grande transformação, não só espacial, mas também para a vida dos habitantes do local.

O Parque Lagoa das Bateias mobilizou uma série de fatores e agentes sociais na sua elaboração e construção. Segundo Passos (2009), o projeto foi realizado a partir de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e o Ministério do Meio Ambiente, pois a Lagoa das Bateias faz parte da micro bacia do Rio Santa Rita.

No caso da construção do parque ambiental os moradores não foram contratados para trabalharem na sua construção, como também não desenvolveram nenhuma atividade laboral depois da sua finalização para uso da população de Vitória da Conquista, estado da Bahia.

Assim, a partir do levantamento de um relatório técnico, foi feito um diagnóstico dos problemas de ordem socioambiental, relacionados à ocupação desordenada no entorno da lagoa. O relato da moradora a este respeito traz o seguinte:

Tem oito anos que eu retornei para aqui, aí já tinha começado essa lagoa desse jeito aí. Aí beneficiou a vida da gente também, aqui era uma lixaiada, aqui quando eu voltei para aqui que fazia até medo, boca de fumo estava assim doendo de tanta boca de fumo nessa lagoa e virou assim aquele infernã aí modificou. Quando abriu essa lagoa que fez essa pista aí, modificou a vida da gente, melhorou a vida da gente⁶.

A memória desta depoente traz indícios importantes acerca de como foi radical a transformação ocorrida naquele espaço. Traz ainda elementos que permitem vislumbrar o cotidiano do local, no auge da ocupação, na década de 1990. Nessa região da cidade existiam vários problemas de ordem socioespacial e, com a intervenção do poder público e a realização da obra, se tem uma mudança substancial na vida cotidiana dos moradores.

Em outro momento da entrevista, a moradora traz à tona mais elementos a respeito da importância da obra para o bairro:

No começo antes dessa reforma da lagoa não tinha segurança nenhuma para a gente, aí estava uma época perigosa, depois que teve essa reforma todinha com a lagoa que teve essa pista e tudo melhorou. Tem bastante policial fazer igual ao outro, rodando a área, a segurança, melhorou fazer igual ao outro, transporte que não tinha transporte, para a gente pegar ônibus a gente tinha que ir para seu Gilson lá em cima depois do posto policial ali, o ônibus já passa aqui perto. Não tinha saída nem pelo aeroporto nem por outra zona nenhuma, tudo isso aí era fechado, isso aí era fazenda, só tinha um corredorzinho aqui passa ia por sinal. Hoje tem saída para todos os cantos, tem saída para o lado do aeroporto, como para Brumado e a outra para lá⁷.

As mudanças radicais ocorridas com a implementação do parque ambiental Lagoa das Bateias traz para a discussão o impacto que as melhorias estruturais em áreas pobres geram em uma determinada cidade. As mudanças, no caso da Lagoa das Bateias, foram significativas, a ponto de modificar a realidade de um bairro de reduto do crime para espaço de lazer, provendo a melhoria no convívio social e estrutural dos cidadãos.

⁴ Sra. Helena, moradora do Bairro Bateias.

⁵ Sra. Helena, moradora do Bairro Bateias.

⁶ Sra. Helena, moradora do bairro Bateias.

⁷ Entrevista concedida ao autor pela Sr.^a Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista (Bahia).

As mudanças na configuração paisagística das bateias com a obra tem um grande impacto na localidade. A construção do canal de escoamento da água da chuva é uma delas. A figura abaixo mostra parcialmente como foi esse processo de construção da obra, para dar uma melhor abrangência da realidade estudada.

Os impactos positivos gerados pela construção do parque ambiental representam uma mudança significativa no cotidiano dos moradores do entorno das Bateias. No bairro Santa Cruz, essa transformação foi bastante significativa para os moradores, como mostra outro depoimento:

Tem tudo, tem transporte público, passa na porta. O transporte tem um ano e pouco que tem o transporte para o Santa Helena aqui, só e um só mais aqui entra, já está entrando ônibus aqui. Já tem o Cidade Modelo que vem pertinho do aeroporto aqui, ele faz retorno de junto do aeroporto, que também fica bom para a gente pegar a condução ali. Então, tudo está mudando, tem saída que não tinha, só tinha um corredorzinho sozinho, a gente tinha que passar por dentro da fazenda de Venceslau, e Venceslau correndo atrás dos moleques, e pegar gente e batia na gente e tudo que tentava passar na fazenda dele. Pra mim a lagoa teve benefício. Pela manhã você encontra mais de 200, 300 pessoas caminhando pela manhã. Então, é um lugar abastecido, a polícia está toda hora fazendo ronda aqui, de madrugada, de manhã. Eu acho que não tem nenhum bairro com mais segurança do que esse aqui, eu vejo, não vejo nem nas [...] Tanto carro de polícia passando desse jeito e aqui toda hora passa, toda hora passa, passa, eu sei que o Santa Cruz é um bairro perigoso, mais ele também faz ronda, também na lagoa para quem está caminhando, dando segurança às pessoas que estão passando ali. Então, eu acho que é uma coisa boa, 'beneficia' os pedestres que estão passando lá e também beneficia os moradores, então melhorou bastante⁸.

Dessa forma, pensar na produção do espaço urbano é perceber o quanto ele, na contemporaneidade, está inserido na lógica de reprodução do capital. Quando se parte para a análise da realidade, como o caso desta pesquisa, vê-se a emergência de uma narrativa contra-hegemônica no que tange às transformações ocorridas nas Bateias, a marca do processo de modernização demonstra que os diversos sujeitos que compõem o espaço citadino estão vulneráveis a esse processo. Mesmo com todas as transformações e melhorias no espaço geográfico, na habitação, dentre outros fatores, vem a especulação imobiliária que se estabelece e perpetua a não democratização do morar na cidade.

Entretanto, um fato interessante ressaltado pela Sra. Helena referiu-se à especulação imobiliária que surgiu junto com a transformação da área:

Aqui valia R\$ 500, R\$ 600 o lotezinho de terra, depois dessa lagoa ninguém vende mais se não for de R\$ 80.000, R\$ 50.000, R\$ 60.000. Então, teve ou não teve valorização? Cresceu, veio asfalto, veio esgoto e veio energia. Porque o Santa Cruz não tinha energia, Santa Helena não tinha, olha a modificação teve, veio energia, veio asfalto e esgoto⁹.

O relato acima nos leva a questionar: até que ponto essas mudanças no espaço urbano, na perspectiva da cidade mercadoria, ao invés de democratizar o acesso à moradia não está reafirmando o processo de exclusão da mesma? Os valores exorbitantes vindos com as transformações ocorridas no local excluem cada vez mais a população de baixa renda do acesso à moradia. Dessa maneira, é questionável a proposta de melhoria da vida dos habitantes do local, uma vez que o valor de troca se sobrepõe ao valor do uso.

Para Carlos (2007b), o entendimento do lugar passa a ser foco de uma linha de pensamento que envolve o conteúdo do imaginário urbano e sua fundamentação. O trabalho, lazer e habitação, no plano do dia a dia, se fragmentam inseridos no capital e reproduzidos como foco de aprisionamento do homem moderno. Sendo assim, alienado em sua produção espacial, esse ser social se transforma em mero objeto para usufruto das ideologias capitalistas e não percebe 'as grades' que o prendem em seu cotidiano.

Considerações finais

Por fim, a análise da memória do cotidiano urbano revela a face espoliativa e criadora da urbanização, cujo cerne é a produção de novas contradições na sociedade; a intensificação e apropriação desigual de espaço urbano de Vitória da Conquista, que são geradoras de grandes desigualdades sociais; o processo de urbanização que não democratiza, em sua expansão, os diversos usos propostos em seus discursos ideológicos; e a fragmentação do urbano em cidades médias como Vitória da Conquista, em um período em que a urbanização é fortemente caracterizada por modificações na estrutura das relações capitalistas, que produz espaços de lazer segregados e destinados à reprodução da sociedade consumista.

Dessa maneira, o Parque Ambiental da Lagoa das Bateias foi de suma importância para a chegada de infraestrutura para o bairro e moradores que até outrora viviam sem o mínimo como: saneamento básico,

⁸ Entrevista concedida ao autor pela Sr.^a Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista (Bahia).

⁹ Sra. Helena, moradora do bairro Bateias.

coleta de lixo, transporte público coletivo e asfalto. Contudo, no que se refere ao trabalho, que também é de suma importância para a sobrevivência nos moldes capitalistas, o que restou foi a precarização.

No entendimento dessa supracitada forma de trabalho, é percebido na pesquisa que as mesmas são muito diversas, no passado nas décadas de 1950 à 1970 são atividades rurais, nas décadas de 1980 à 1990 estão relacionadas com subempregos como: vendedores de picolé, vigias noturnos e alguns se tornando professores primários. Já depois da obra não se tem nenhum morador inserido em nenhuma atividade laboral, demonstrando assim a transformação para os moradores só se deu com a chegada de infraestrutura e não com geração de emprego e renda.

Referências

- Alberti, V. (2004). *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Alves, G. A. P. (2009). Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal. Precarização do trabalho e redundância salarial. *Revista Katalysis*, 12(2), 188-197.
- Antunes, R., & Druck, M. G. (2014). A epidemia da terceirização. In R. Antunes (Org.), *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III* (1a ed., p. 13-24). São Paulo, SP: Boitempo.
- Benjamin, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (Obras Escolhidas, Vol. 1, 8a ed. rev., S. P. Rouanet, Trad.; J. M. Gagnebin, Prefácio). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Carlos, A. F. A. (2007a). *A cidade* (8a ed.). São Paulo, SP: Contexto.
- Carlos, A. F. A. (2007b). *O lugar no/do mundo* (Vol. 1, 1a ed.). São Paulo, SP: Labur Edições; GESP.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva* (L. L. Schaffter, Trad.). São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (1950). *Censo demográfico – 1940*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (1955). *Censo demográfico: Estado da Bahia, 1950* (Vol. XX, tomo I). Rio de Janeiro, RJ: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (1960). *Sinopse preliminar do censo demográfico: Brasil. 1960*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (1973). *Censo demográfico Bahia: recenseamento geral, 1970* (Vol. 1, tomo XIII). Rio de Janeiro, RJ: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (1983). *Censo demográfico 1980: dados distritais-Bahia* (Vol. 1, tomo 3, n. 13). Rio de Janeiro, RJ: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (1991). *Censo Demográfico 1991: resultados do universo relativos às características da população e dos domicílios*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2000). *Sidra: Bando de dados sobre Censo Demográfico*. Recuperado de: <http://www.sidra.ibge.gov.br>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2010). *Censo demográfico*. Recuperado de <http://www.ibge.gov.br/censo2010/>
- Lessa, S. (2002). *Mundo dos homens. Trabalho e ser social*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, 10, 7-29. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>
- Passos, J. G. F. (2009). *Produção do espaço urbano e requalificação de áreas degradadas: o caso do bairro Santa Cruz, entorno da Lagoa das Bateias, Vitória da Conquista, Bahia* (Dissertação de Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Portelli, A. (1997). Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, 15, 13-49. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>
- Santos, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo, SP: Hucitec, 1988.
- Seabra, O. C. L. (2000). Urbanização e fragmentação: a natureza natural do mundo. *Revista do Departamento de Geografia*, 1(1), 73-78.
- Soares, B. R. (2005). Cidades médias: uma revisão bibliográfica. In F. A. Adilson, L. C. Flávio, & R. A. Santos (Org.), *Espaço e território: interpretações e perspectivas do desenvolvimento* (p. 273-286). Francisco Beltrão, PR: Unioste.
- Sposito, M. E. B. (2004). *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo* (Tese de Livre Docência). Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente.